

## O QUE É O NORMAL E O QUE É PATOLÓGICO NA FALA? UMA REFLEXÃO LINGÜÍSTICA

Emanuelle de Souza S. Almeida  
(UESB)

Ivone Panhoca\*\*  
(PUCCamp)

### RESUMO:

Este artigo é um estudo analítico sobre o que são consideradas características normais e patológicas dentro dos enunciados. Através da Linguística da Enunciação e da Neurolinguística Discursiva (COUDRY, 1988) adotaremos a perspectiva de linguagem abrangente (FRANCHI, 1977), considerando as hesitações na fala como elemento construtivo e organizador e não como indício de disfluência. Buscou-se estabelecer uma discussão sobre aquilo que foi convencionalizado como normal e patológico na tentativa de despertar uma crítica às formas tradicionais de avaliação da linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito; Normal e patológico; Linguagem

### INTRODUÇÃO

Ainda que não seja estabelecido um consenso sobre o que é um sintoma da linguagem e, entendendo que a linguística interessa-se por tudo aquilo que é inerente a língua, indagamos então como um assunto tão importante, relacionada às patologias de linguagem não tenha um lugar de destaque nos estudos da linguagem?

---

· Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) Integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB, coordenada pela professora Dr<sup>a</sup> Nirvana Ferraz Santos Sampaio.

\*\* Fonoaudióloga e professora da Faculdade de Fonoaudiologia da PUCCamp. Mestre em Lingüística, Doutora em Ciências pelo Instituto de Estudo de Linguagem (IEL) da Unicamp. Pós- doutoramentos nos EUA e na Espanha. Integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB, coordenada pela professora Dr<sup>a</sup> Nirvana Ferraz Santos Sampaio.

Quando se fala sobre a dinâmica do funcionamento cerebral, o que é considerado normal é aquele que o seu funcionamento é igual a todos os demais, apresentando todas as funções ativas. Todavia, é rotineiro que a avaliação do desenvolvimento humano considerando aquilo que foi convencionado pela sociedade, entenda que as perturbações linguísticas são inerentes à déficits.

Ainda que esteja ocorrendo avanços na área da Linguística, a visão organicista das áreas médicas ainda permeia. Segundo Canguilhem (1995), nesta perspectiva os fenômenos patológicos são variações quantitativas para mais ou para menos dos fenômenos considerados normais. Para ele os fenômenos patológicos são estabelecidos considerando o indivíduo ideal, padronizado, um conceito que teve influência do Positivismo do séc. XIX e que ainda permanece pontuando o que é científico.

Diante disso, pode-se afirmar que aquilo que é tido como normal e patológico não são totalmente divergente, posto que essas duas situações sejam diferenciadas pelo grau de intensidade, ou seja, o desproporcional daquilo que é normal será considerado patológico.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A busca por estabelecer um diagnóstico preciso, apontava para os sinais desviantes, o que se convencionou como patológico. Sendo assim, a fala do indivíduo foi desmerecida, reduzindo-a a produção articulatória. Atentou-se para os desvios percebidos na fala e não para o fenômeno como um todo. A Neurolinguística Discursiva representada pelos estudos de Coudry (1988) com sujeitos afásicos e com doenças neurodegenerativas apontou para que fosse percebido o que ainda estava presente nas falas dos indivíduos e não considerar somente o não dito, o que faltava. O texto verbal é planejado ao passo que é construído e por isso qualquer sujeito presente na enunciação poderá fazer uma hesitação pela necessidade de organizar sua fala. De acordo com Silva e Koch (1996), a hesitação faz parte da reformulação e/ou

organização daquilo que se pretende falar, elas informam também que esse fenômeno pode se desvelar através de pausas, alongamentos vocálicos, repetições de palavras e truncamento de orações e funciona como um fenômeno de cognição para ganhar mais tempo para emitir um enunciado. Percebemos então que considerar a hesitação como indício de uma patologia de linguagem é postergar as potencialidades de uma construção linguística.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabe-se que a linguística moderna surgiu no séc. XIX com genebrino Ferdinand Saussure, e dentre todos os seus importantes estudos sobre a língua é de nosso interesse aqui os seus conceito de língua e fala, além de sua teoria de valor. Cremos na possibilidade de verificar as falas concebidas como patológicas a partir dessa teoria, pensando na fala a partir do valor linguístico, é possível considerar o valor lingüístico dos signos enunciados. Podemos perceber que o valor linguístico é conduzido por dois preceitos, pela semelhança e pela dessemelhança: “1º por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar; 2º por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa. (SAUSSURE, 1916/1969, p.134)”. Para o autor, as relações sintagmáticas se estabelecem no discurso e são baseadas pelo princípio linear da língua. Na memória estabelece as relações paradigmáticas, que são as relações que se constituem entre palavras. Verifica-se então que é exatamente isso que acontece nas falas sintomáticas, principalmente nas pessoas com Doença de Alzheimer e Afasia.

Buscamos também a Teoria da Enunciação, postulada por Émile Benveniste por que a perspectiva semântica desta está não somente nas marcas formais, mas principalmente no processo de sua produção: o sujeito, o tempo e o espaço, uma vez que a enunciação é o ato de

transformar a língua em fala. Para Benveniste (1995) só há possibilidade de comunicação porque cada locutor se apresenta como sujeito figurando-se como 'eu' que terá um interlocutor que se figurará como 'tu'. Essa premissa estabelece a subjetividade na língua, apontando para o homem na língua. O ato de enunciar engendra o falante em sua fala. Isso é extremamente relevante nos estudos da linguagem patológica ou não. Ainda que de fato os estudos linguísticos não abarquem estudar a polaridade normal e patológico -oficialmente, essa função é de cunho da fonoaudiologia- (LIER-DE VITTO 2001), a linguística, conforme já dito anteriormente, se interessa por tudo aquilo que é inerente a língua. (JAKOBSON, 1974). A grande diferença é que a linguística não faz juízo de valor para a linguagem.

Os estudos enunciativos por conceber a fala do sujeito pelo o que ela tem de subjetivo, possibilita estudar o funcionamento da língua (patológica ou não), posto que locutores são sujeitos, pois eles assumem a sua posição na língua, tecendo enunciados repletos de significações.

## **CONCLUSÕES**

Não se buscou aqui que sejam desconsideradas as hesitações em episódios de avaliação da linguagem, mas que ela seja percebida como um fenômeno constitutivo da língua falada, ou seja, almejamos que seja feita uma reflexão a cerca das características cunhadas como patológicas, uma vez que a linha que as separa no considerado do que é dito normal é bastante tênue, requerendo assim, ao menos, muita cautela.

## REFERÊNCIAS

- BARBISAN, L. B.; FLORES, N. V. **Convite à linguística**. Trad. Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. São Paulo: Contexto, 2009. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística.
- BEVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995.
- BEVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. 2ª ed. Trad. de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 2006.
- BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- COUDRY, Maria. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. **O trabalho do cérebro e da linguagem: a vida e a sala de aula**. Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005. Coleção Linguagem em foco.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1943/1995.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à lingüística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, V. N. **Benveniste e o sintoma de linguagem: a enunciação do homem na língua**. Santa Maria: Letras, v1, p.99-117, 2006.
- FLORES, V., SURREAUX, L.; KUHN, T. Enunciação e sintoma da linguagem: um estudo sobre as relações metafóricas e metonímicas. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v.03, nº 02, 2005.
- FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, 1977.
- JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1974.

LIER-DE VITTO. Sobre o sintoma: efeito da fala no outro, déficit de linguagem, ou ainda? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 245-252, 2001.

LIER-DE VITTO. **Os monólogos da criança**: delírios da língua. São Paulo: Educ/Fapesp, 1998.

LURIA, A. R. **Fundamentos em neuropsicologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos/ São Paulo: Edusp, 1981/1991.

SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. O seminário sobre aquisição de linguagem. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 29, Unicamp, 1995.

SILVA, M. C. P. S.; KOCH, I. V. Estratégias de desaceleração do texto falado. In: KATO, M. A. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Unicamp, 1996, p. 327-338.

TAGLIAFERRE, Rita de Cássia Silva. **Formas e funções da repetição no contexto das afasias**. Campinas: 2008.